

FUTEBOL DE CLASSE E RAÇA

SANTOS, Henrique Sena dos. *Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 – 1924*. Salvador: Edufba, 2014. 396 p.

*E*m meio ao fervor futebolístico vivido no Brasil no ano de 2014, graças à realização da copa, a EDUFBA lançou, com muita perspicácia, a *Coleção É Futebol*. Composta por obras que buscam abordar o esporte de forma diferente do habitual, a coleção pretende problematizar o esporte na Bahia, enfatizando principalmente as diversas relações que o mesmo estabelece na sociedade. Neste espírito foi publicado o livro aqui resenhado.

A expressão “pugna renhida” era utilizada por alguns *footballers* e *sportsmen* baianos das primeiras décadas do século XX para referir-se às acirradas partidas de futebol, que esquentavam os ânimos, não apenas dos jogadores em campo, mas também da plateia que assistia, a cada fim de semana, mais de uma dezena de jogos nos mais diversos espaços da cidade de Salvador. Espectadores que logo tratavam de criar significados próprios para essas disputas, passando a se comportar como aficionados capazes de “torcer” ou “distorcer” o resultado de uma partida, enfim, torcedores.

As nuances que permeavam as partidas de futebol, já na sua primeira década de existência na Bahia, eram tão diversas e heterogêneas que muitas vezes os jogos acabavam se virando caso de polícia, devido a conflitos que denunciavam tensões sociais e raciais existentes no período pós-abolição. Tais conflitos ajudaram a caracterizar e formar um “futebol tipicamente baiano”, em lugar da mera reprodução de um “futebol inglês”, como era o desejo de boa parte das elites soteropolitanas, que enxergavam o esporte como uma ferramenta capaz de moralizar, modernizar e civilizar os costumes e as ações populares. Indo além, boa parte da elite médica baiana, primeiro grupo a enveredar pela prática do esporte na capital, enfronhada nas discussões sobre eugenia e no projeto de construção de nação, e apostando quase exclusivamente no sentido pedagógico que atribuíam ao futebol, acreditava que este seria capaz de ajudar na constituição racial de um “novo povo brasileiro”. Dotado de um corpo mais forte e

desenvolvido, este povo seria capaz de rivalizar com os considerados superiores, como os ingleses, uma vez que, por meio da mudança de hábitos culturais dos brasileiros. A prática compulsória de esportes seria uma das vias para um aprimoramento físico, intelectual e moral à altura da “raça” europeia.

O título que Henrique Sena atribuiu a seu livro, fruto de dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana em 2012, não poderia ser mais oportuno. Tensas e conflituosas não eram apenas aquelas partidas de futebol, mas a experiência de um historiador que escolhe este esporte enquanto objeto de investigação e pesquisa no Brasil, e mais especificamente na Bahia. O preconceito com a temática, a desvalorização do campo de pesquisa, a escassez de fontes, a dificuldade de acesso aos vestígios documentais preservados, são alguns dos problemas que fazem parte do cotidiano de um historiador que se envereda pelo estudo do esporte. Por isso a obra escrita por Sena detém lugar de destaque na historiografia baiana, justamente por ser a primeira, de cunho acadêmico, que buscou problematizar historicamente o futebol na Bahia, fundando um espaço de pesquisa que já vem sendo ocupado também por outros pesquisadores.

Podemos afirmar que é muito recente o interesse no meio acadêmico brasileiro pelo estudo do fu-

tebol e suas imbricações, relações e consequências em nossa sociedade. Apesar do seu imenso apelo popular, esta prática esportiva não era bem vista nem bem recebida pelos estudiosos, intelectuais e pesquisadores, que não conseguiam enxergar a complexidade e a importância dos elementos socioculturais nela envolvidos. Partindo de uma visão determinista e ortodoxa, boa parte das vezes influenciada por um marxismo vulgar, os estudiosos costumavam associar o esporte aos recursos de dominação e exploração da sociedade burguesa. O futebol não passaria de um mecanismo de alienação das massas, servia para entreter o povo, ao mesmo tempo em que o desviava dos assuntos políticos e da luta de classes. Aqueles que assim pensavam não conseguiam perceber a importância dos valores e das práticas culturais, e as sociabilidades daí decorrentes, para compreender a dinâmica da formação das classes subalternas. Nos últimos anos, este cenário vem sendo modificado graças às transformações epistemológicas que valorizaram os estudos culturais, não existindo mais dúvidas sobre a importância do futebol para entender várias questões imbricadas na sociedade brasileira. Apesar de o número de trabalhos produzidos sobre o esporte ainda ser reduzido em relação ao que se observa na Europa, por exemplo, o campo de pesquisa tem crescido e está avançando sobre várias áreas. Na Bahia mesmo, lembro o estudo pioneiro de

Jeferson Bacelar sobre o futebol de várzea.¹

Compreendendo o futebol em Salvador como uma prática imprevisível e repleta de subjetividade, devido à diversidade de grupos sociais que nele projetavam inúmeros sentidos e significados individuais ou coletivos, Henrique Sena buscou na História Social da Cultura as ferramentas de análise necessárias para entender como, através desse esporte, as pessoas cultivavam uma forma de se instituir e estabelecer na sociedade soteropolitana. O autor interpreta o futebol a partir da importância a ele dado pelos diversos grupos sociais, entendendo essa experiência enquanto resultado das relações entre estes, mas focando também na heterogeneidade existente no interior de cada grupo. Busca abordar tais questões a partir da interpretação de costumes, ritos, hábitos, manifestações e outros elementos que compõem o que chamamos de cultura, neste caso a cultura futebolística.

No primeiro capítulo, Sena discute como foi concebido o futebol no seio da nata da sociedade soteropolitana. As elites responsáveis pela introdução do esporte na Bahia eram muito diversas, compostas por intelectuais, estudantes, empresários, funcionários públicos, profissionais liberais, entre outros setores. O autor revela como estes se relacionavam e se envolviam com o esporte, identificando quais sentidos

eram atribuídos por cada um deles à prática esportiva e quais as expectativas que tinham sobre ela.

São louváveis o apanhado empírico e o trato das fontes empreendidos pelo autor no primeiro capítulo. Seguiu as pistas deixadas pelos memorialistas baianos, que entendiam que, na primeira década do século XX, o futebol na Bahia tinha vivido sua época de áurea. Por isso, considerou Sena, seria uma época propícia à pesquisa, e assim garimpou jornais e revistas baianos, coletando muitas informações sobre a fase inicial do esporte na Bahia. Não prendendo a discutir o “mito de origem” do futebol baiano. Sena explica como se constituiu o futebol de elite, portanto dos “brancos”, esmiuçando as nuances que envolviam os primeiros jogos, evoluindo para a formação dos primeiros clubes e ligas dedicadas à prática esportiva. O autor mostra como esses clubes faziam parte de uma cultura elitista que ocupava espaços de distinção social em um momento em que se discutia a modernização da cidade e a civilização das práticas e dos costumes. Dessa forma, o futebol funcionou para determinadas parcelas da sociedade como um lugar de experiências modernizadoras e civilizatórias.

No segundo capítulo, Sena procura entender os espaços criados e utilizados para a constituição dessa prática elitista. Não se restringe a estudar as “pugnas renhidas” em si, antes buscou reconstruir o cenário sociocultural associado com o esporte, desde a competitiva relação espor-

¹ Jeferson Bacelar, *Ginga e nós: o jogo de lazer na Bahia*, Salvador: EDUFBA, 2014.

tiva, acompanhada do cavalheirismo padrão, até as festas e bailes nos quais era possível perceber o papel feminino no meio desse grande jogo de homens. Com muita perspicácia, o autor fez investigação aguçada de dois espaços centrais para entender o futebol neste momento em Salvador, a Liga Bahiana de Desportos Terrestres, um espaço institucional, e o Campo da Graça, um espaço físico, um campo de futebol mesmo.

Henrique Sena demonstra ser impossível entender o desenvolvimento do futebol na cidade de Salvador sem considerar o papel desempenhado pela Liga Bahiana, a “liga dos ricos”, e Campo da Graça. A Liga se destacou enquanto principal instituição associativa do esporte na Bahia. Composta exclusivamente por membros abastados da sociedade soteropolitana, era o órgão oficial do futebol baiano. Ali eram discutidos papel pedagógico e civilizatório que o futebol deveria desenvolver na sociedade. Num primeiro momento, esta associação foi responsável pela difusão do esporte na cidade, muito pela atenção que conseguia junto à imprensa e à expectativa que as elites educadas nela depositavam na empreitada para civilizar os costumes dos baianos. Isto significava, principalmente, erradicar costumes e valores vinculados historicamente à presença africana no Brasil. Já o Campo da Graça se tornou a principal praça esportiva da Bahia a partir de 1920, um espaço complexo para entender, não apenas o desenvol-

vimento do esporte na cidade, mas também as tensões e desigualdades sociais e raciais existentes.

No terceiro capítulo, sobre o futebol popular, revelam-se, para nós, as lacunas desta obra. O denodo e a intrepidez para garimpar as informações, características do primeiro capítulo, não se repetem no terceiro. Ao estudar o futebol popular e a popularização do esporte na Bahia, Sena não demonstra o mesmo esforço de pesquisa dedicado ao futebol das elites, justificando a diferença com o argumento da escassez de fontes. Para nós não é justificável. Uma das lacunas da obra é o hiato entre os anos de 1913 e 1918, período que muitos memorialistas entendiam como fúnebre para o futebol baiano, devido ao afastamento das elites de sua prática. Talvez por acreditar no conto dos memorialistas, o autor acabou fazendo uma análise superficial desse período, justamente o momento em que os populares tomaram as rédeas do futebol baiano e o fizeram aflorar por toda cidade. cremos que de forma alguma o afastamento das elites significou o fracasso do futebol; pelo contrário, proporcionou o desenvolvimento de um forte futebol popular, com a proliferação de clubes e ligas pelas periferias da capital e boa parte do interior baiano.² Ao concentrar sua análise na decadência da Liga

² Trato disso em Lucas Santos Café, “Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico de Salvador (1895-1918)” (Dissertação de Mestrado em História, UFBA, 2013), caps. 2 e 3.

Bahiana, o autor deixa de analisar uma série de outras ligas — ambientes populares — onde o futebol corria de vento em popa. Mesmo reconhecendo que o futebol não acabou na Bahia durante este período, falta à obra uma abordagem mais complexa dele.

A análise da prática esportiva entre os populares ficou um tanto condicionada à forma com que estes se relacionavam com as elites. O autor se restringiu a estudar o futebol de rua, praticado por moleques e vadios que desafiavam a ordem na capital baiana. Faltou discutir, por exemplo, as ligas e locais tipicamente populares da prática organizada do esporte, que sequer chegaram a ser mencionados. Em outras palavras, todo um forte e importante cenário futebolístico alternativo, desenvolvido entre os anos finais da década de 1900 e que perdurou durante toda década seguinte, foi praticamente suprimido por Sena, que só destacou tal discussão a partir do ano de 1919, quando as elites tornam a reivindicar seu lugar privilegiado no futebol soteropolitano.

No quarto capítulo, quando se dedica a estudar as novas tensões estabelecidas entre as elites e as camadas populares, Henrique Sena volta à abundância das fontes observada nos dois primeiros capítulos. O autor identifica o ano de 1919 como decisivo para os rumos que o esporte tomaria na Bahia, pois marcou a volta dos clubes de elite à principal liga esportiva da cidade, e o momen-

to em que se começou a pensar na construção de uma praça esportiva que pudesse elevar o patamar do esporte. O *Stadium*, ou Campo da Graça, construído no ano de 1920, tornou-se um palco à apresentação das tensões e contradições entre e no interior dos grupos sociais que nele disputavam seus espaços. A abundância de fontes sobre esse período e o acesso quase exclusivo que Sena teve aos principais periódicos esportivos da época e a outros documentos que faziam parte do Acervo Haroldo Maia, desativado logo após a demolição da antiga Fonte Nova, contribuíram para que o autor construísse uma análise aprofundada do período. No entanto, devido ao restrito acesso às informações, sua análise dificilmente poderá ser retomada ou questionada nos próximos anos. O fechamento da Biblioteca da Superintendência dos Esportes da Bahia acabou fazendo com que a documentação sobre o tema na Bahia seja exclusividade de poucos. O autor, felizmente, teve acesso antes da biblioteca ser desativada.

O último capítulo é dedicado a estudar como o futebol baiano se relacionou com o cenário nacional, principalmente os jogos interestaduais que aconteciam na capital por convites de algumas instituições baianas. Neste momento do livro, o objetivo do autor extrapolou uma simples análise dessas pugnas, partindo para uma apreciação da formação de uma identidade regional permeada de “tensões sociorra-

ciais”, que já eram características da sociedade soteropolitana. Por fim, Henrique Sena discute o torneio de seleções realizado no sul do Brasil, dando atenção à participação da seleção baiana e a todo debate político, social e de identidade estabelecido nos periódicos da Bahia a cada viagem que seus *sportsmen* faziam para os campos sulinos do país.

Apesar de ser uma obra acadêmica, *Pugnas renhidas* é um texto de fácil compreensão e de leitura agradável, sendo indicado não apenas para historiadores ou pesquisadores do tema, mas para um público não especializado que deseja encontrar uma leitura leve, interessante e prazerosa, e assim aprender, por um ângulo pouco usual, sobre os conflitos sociais, raciais, de gênero e de nacionalidade na capital baiana no início do século XX. Dessa forma, sairá decepcionado quem espera encontrar neste trabalho uma narrativa épica da história do futebol baiano, carregada de heróis e “pais” do es-

porte, valorizando grandes feitos, endeusando clubes e supervalorizando títulos e conquistas individuais ou coletivas. Em contrapartida, a obra também não irá satisfazer aqueles que buscam encontrar um estudo radical sobre como as tensões sociais se manifestaram no esporte. Apesar de buscar problematizar a questão, Henrique Sena não se limitou a visualizar a história do futebol baiano como uma luta de classes ou racial. Seja abordando as práticas ou o campo simbólico do futebol, o autor evitou focar ou limitar seu olhar às disputas sociais que emergiam no desenvolvimento desse esporte, disputas essas que talvez tivessem sido a principal característica deste nas primeiras décadas de sua existência da Bahia. Em outras palavras, se o autor não se limitou a fazer uma história “descompromissada”, contudo, tampouco enviou seu estudo segundo os paradigmas de classe e as tensões raciais típicos da sociedade soteropolitana.

Lucas Santos Café
lucas.cafe@pdl.ifmt.edu.br
Instituto Federal de Mato Grosso